

O papel dos cuidados paliativos na COVID-19

A recente pandemia causada pelo novo vírus SARS-CoV-2 (Severe Acute Respiratory Syndrome, Coronavírus-2) que provoca a COVID-19 (Coronavirus disease – 2019) tem causado um enorme impacto na vida das pessoas. Causou um retraimento dramático na actividade das pessoas e na actividade económica. Tem causado muitas mortes, mas predominantemente em pessoas debilitadas pela idade e/ou doenças crónicas.

A atenção dada a esta situação levou a alterações enormes no funcionamento dos serviços de saúde, com limitações de consultas, recurso aos serviços de urgência, limitação dos rastreios oncológicos e de alguns tratamentos, como cirurgia e radioterapia. O impacto disto tudo vai-se repercutir durante muito tempo. O impacto que isso poderá ter tido e virá a ter é ainda indeterminado e só poderá ser calculado com algum rigor no fim de tudo isto, ou pelo menos, só daqui a algum tempo.

Conhece-se que os serviços de saúde, nomeadamente, os serviços de urgência são usados abusivamente e, provavelmente esses casos foram eliminados, mas muitos dos outros foram ficados para trás com repercussões negativas, embora ainda não quantificáveis. Um estudo recente realizado em Portugal concluiu que de 1 de Março a 22 de Abril de 2020 houve um excesso de 2400 a 4000 mortes, que representa um aumento de 3 a 5 vezes ao explicado pelas mortes por COVID-19 reportadas oficialmente, nas pessoas com mais de 65 anos.

Se virmos que em Portugal morrem mais de 100 000 pessoas por ano, com variações anuais, significa que morrem por dia, se o número de mortes fosse uniforme, 280 a 300 pessoas. Desde o início do registo oficial de mortes por COVID-19 houve até 1 de Maio 1007 mortes o que traduz uma média em 2 meses de 17 mortes por dia. Isto representa, como dito acima, 1/3 a 1/5 do acréscimo de mortes. Daí que o excesso do número de mortes não pode ser explicado pelas mortes resultantes da infecção pelo vírus corona. Devem-se a outras doenças que terão

eventualmente sido deixadas para segundo plano, pela atenção concentrada na doença infecciosa e/ou pela relutância dos doentes recorrerem aos hospitais com medo de se infectarem.

Os cuidados paliativos têm manifestado a sua disponibilidade para intervir nos cuidados aos doentes infectados em situação grave, com publicações em vários meios incluindo as redes sociais em Portugal e noutros países. De facto, os cuidados paliativos podem ser importantes nesta situação porque são especializados em lidar com sintomas de controlo difícil, com a comunicação com os doentes e com as suas famílias, embora esta comunicação esteja restringida pelas medidas de contenção vigentes. No entanto, a comunicação não necessita de ser presencial e se possa fazer indirectamente por telefone ou por meios electrónicos, como o WhatsApp, o Skype ou outros.

Os cuidados paliativos em Portugal, e noutros países europeus também, não são suficientes para responder às necessidades dos doentes anteriormente à pandemia e não melhoraram depois dela. Portanto, o seu papel tem de se manter na assistência a todos os doentes a que possam chegar com os recursos actuais. Se o seu foco se virar para os doentes com COVID-19 em situação grave, vai deixar de tratar os outros doentes como outras especialidades têm feito, nomeadamente, os doentes oncológicos. Esses doentes podem beneficiar da intervenção dos cuidados paliativos, mas não devem ter preferência nessa intervenção. Devem ser considerados como todos os outros doentes, não se justificando que tenham prioridade na atenção dos cuidados paliativos. Não deixemos nós também de cuidar dos outros doentes que de nós precisam quando, infelizmente, muitos já ficam por cuidar pela reduzida capacidade que os serviços de cuidados paliativos ainda têm.